



ANA E MARIA: UMA ANÁLISE DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DAS PERSONAGENS DE CLARICE LISPECTOR E CONCEIÇÃO EVARISTO

ANA AND MARIA: AN ANALYSIS OF THE APPROACHES AND DISTANCING OF THE CHARACTERS OF CLARICE LISPECTOR AND CONCEIÇÃO EVARISTO

DOI: <https://doi.org/10.55847/enlaces.v1i1.771>

Isadora Machado Santos*

RESUMO: O presente artigo centra-se na abordagem crítica de duas personagens femininas, Ana e Maria, dos contos “Amor” e “Maria”, que integram a obra *Laços de Família* (2013) e *Olhos D’água* (2016) das autoras Clarice Lispector e Conceição Evaristo, respectivamente, com o objetivo de analisar os mecanismos ideológicos que as aproximam e as distanciam enquanto mulheres. Em vista deste aspecto, tornam-se evidentes eixos interseccionais que atravessam a vida das personagens em estudo, inseridas numa sociedade estruturalmente capitalista, racista e sexista. Nesse contexto, a produção escrita feminina vem apresentando notória contribuição à Literatura (Afro)-brasileira como forma de questionar as ideologias que sustentam os mecanismos opressores da sociedade e subverter a ordem vigente e o próprio cânone literário, que por muito tempo privilegiou a produção literária de autores brancos e percebidos como a única possibilidade de representação literária possível. Ao privilegiar o estudo das obras desse contingente de autores, o cânone literário acaba incidindo na exclusão de produções também importantes para a sua historicidade como, por exemplo, a literatura escrita por mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Maria. Eixos interseccionais. Produção escrita feminina. Literatura (Afro)brasileira.

ABSTRACT: This article focuses on the critical approach of two female characters, Ana and Maria, from the short stories “Amor” and “Maria”, which are part of the work *Laços de Família* (2013) and *Olhos D’água* (2016) by the authors Clarice Lispector and Conceição Evaristo, respectively, in order to analyze the ideological mechanisms that bring them together and distance them as women. In view of this aspect, intersectional axes that cross the lives of the characters under study become evident, inserted in a structurally capitalist, racist and sexist society. In this context, female writing production has been making a notorious contribution to (Afro) -Brazilian Literature as a way of questioning the ideologies that support the oppressive mechanisms of society and subverting the current order and the literary canon itself, which for a long time privileged literary production of white authors and perceived as the only possibility of literary representation possible. By privileging the study of the works of this contingent of authors, the literary canon ends up focusing on the exclusion of productions that are also important for their historicity, such as, for example, literature written by women.

KEY WORDS: Love. Maria. Intersectional axes. Female writing production. (Afro)Brazilian literature.

* Graduanda da Universidade do Estado da Bahia, Campus V – Santo Antônio de Jesus. E-mail: isadoraams5@gmail.com. Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0001-5476-8144>.

1 DISCUSSÕES INTRODUTÓRIAS

A literatura brasileira, desde as suas primeiras manifestações escritas, por volta de 1500, quando a frota portuguesa chega ao Brasil, traduziu e traduz as passagens históricas, sociais e culturais de seu povo como forma de compreender ou, até mesmo, analisar o comportamento humano e a sua natureza. Essa configuração, por muito tempo, contemplou pontos de vista excludentes, seletivos e elitistas, dando ênfase somente ao que se chama de cânone literário. Dessa maneira, deixou-se de lado vozes vítimas de um sistema que as exclui e as discrimina, mesmo que houvesse discursos em prol delas, mas que garantem ao sujeito do discurso um poder pelo lugar que ocupa na sociedade (ZOLIN, 2010).

A partir desse quadro, foi possível entender e atender à necessidade, ainda que tardia, de uma literatura emancipacionista, que questionasse o padrão universal até então criado e inserisse outras estruturas variáveis determinadas por grupos e indivíduos que as edificassem para além do que se conhecia. Não é arbitrário, portanto, pensar nas possibilidades de vozes que surgem ou que ganham espaço na contemporaneidade para remexer o que foi escrito sobre elas, apresentando à sociedade as histórias que não foram contadas ou corretamente contadas.

Nessa perspectiva, este trabalho objetiva associar duas vozes, uma que se firma na Literatura Brasileira a partir dos seus escritos epifânicos, psicológicos e, também, densos e complexos em sua linguagem; e a outra que emerge de uma literatura paralela. Com suas produções escritas também contundentes nesses aspectos, a literatura afro-brasileira põe em cena, agora, personagens dissidentes que falam por si e sobre si, são elas: Clarice Lispector e Conceição Evaristo.

Dessa forma, este artigo busca analisar o conto *Amor*, presente no livro de contos *Laços de Família* (2013) de Clarice Lispector, e o conto *Maria*, presente no livro de contos *Olhos D'água* (2016) de Conceição Evaristo, perscrutando os

motivos que aproximam e distanciam as personagens Ana e Maria, respectivamente, tal como a construção da feminilidade na sociedade vigente, bem como os lugares sociais que ocupam, atravessadas por pontos de intersecção necessariamente marcantes.

Não há como, portanto, pensar o efeito do distanciamento das personagens Ana e Maria sem mencionar a discussão da interseccionalidade apontada por Kimberlé Crenshaw, professora, pesquisadora e ativista norte-americana na área do Direito Civil, da Teoria Legal Afro-Americana e do Feminismo, que, a partir de uma experiência pessoal, debruça-se sobre uma análise interseccional das questões raciais nos debates sobre gênero, raça e direitos humanos.

Assim, Crenshaw (2004, p. 8) aponta que apesar de haver direitos humanos em prol do combate à discriminação racial e à discriminação de gênero, os mesmos não são eficazes quando há o cruzamento dessas duas possibilidades, que é o caso das mulheres negras. Crenshaw (2004, p. 10) ilustra ainda uma situação de uma empresa, *De GraffenReed*, que denuncia outra empresa, *General Motors*, nos Estados Unidos acusando de discriminação racial e de gênero porque não havia trabalhadoras negras nessa empresa. No entanto, o tribunal alega ter funcionárias (brancas) e funcionários (negros), não havendo, portanto, nenhum tipo de discriminação. O resultado foi que não houve como as mulheres negras conseguissem provar a discriminação racial e de gênero separadamente.

A partir desses fatos, nasce a intenção e o desafio da interseccionalidade de entender que “mulheres negras sofrem discriminação de gênero, iguais às sofridas pelas mulheres dominantes, devem ser protegidas, assim quando experimentam discriminações raciais que as brancas frequentemente não experimentam” (CRENSHAW, 2004, p. 9). Nesse sentido, é necessário compreender as influências que afetam as mulheres negras, diferentemente da maneira que afetam mulheres brancas. Apesar de se estar falando sobre um

mesmo gênero, as suas experiências nunca serão iguais. Talvez, por esse motivo, Maria do conto *Maria*, represente um outro lado da história de Ana, do conto *Amor*, uma versão imprescindível dos atravessamentos sociais e raciais que impactam a vida das mulheres negras.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA FEMININA

Tradicionalmente, a literatura brasileira foi em grande parte da sua história dominada por uma elite, representada por homens cis¹ brancos, de classe média alta, responsáveis pela disseminação de ideologias conservadoras, que subjogavam grupos minoritários, entre eles o das mulheres. Dividir o espaço da educação com o grupo feminino poderia minar os fundamentos da sociedade sexista (KEHL, 2016). No entanto, a partir de meados do século XIX, e motivadas pelo ideal do amor burguês, as mulheres invadiram o universo literário, para compensar suas dores e frustrações e romper com isolamento no qual vivam, abrindo espaços para novas fantasias e mundos possíveis de serem desvendados.

Suas pretensões autorais limitavam-se aos desabafos cotidianos nos diários, outro subterfúgio feminino muito difundido na era vitoriana. Os romances escritos para mulheres (frequentemente de autoria de outras mulheres) e as revistas femininas² que começaram a surgir e a se expandir rapidamente nas décadas de 1860 e 1870, criando os códigos burgueses do cultivo de si e do lar, compuseram o imaginário feminino sobre o casamento. (KEHL, 2016, p. 75).

¹ De acordo com Viviane Vergueiro (2016, p. 252), entende-se como cisgeneridade características e autodefinições que correspondem ao sexo atribuído do nascimento, em diálogo a ideias de corpos e identidades de gênero “normais”, “não transtornados”, “biológicos”.

² Entre algumas delas, *Revista Querida*, 1954; *Jornal das Moças*, 1957; e *Revista Cláudia*, 1962. Nessas revistas, encontravam-se dicas matrimoniais de mulheres para mulheres que vivenciavam a rotina doméstica do lar e como deveriam se comportar, o que faziam delas grandes conselheiras.

Escrever para a indústria da “literatura das moças”³ tornou-se um mecanismo de inserção social significativamente útil às mulheres, já que profissões de *status* superiores eram destinadas a cargos exclusivamente masculinos. Ainda que tratasse de uma literatura representada pelas mulheres burguesas, essa conquista se mostrou importante, devido ao fato de se questionar o modelo e a construção familiar daquela época e as ideologias por trás delas que se fazem presentes até então.

No decorrer do surgimento e do desenvolvimento da escrita feminina, a literatura foi se tornando mais acessível às mulheres leitoras e, sobretudo, escritoras, ainda que timidamente. Os veículos de publicação da época representavam grandes barreiras para as mulheres, devido ao medo de que o acesso à leitura e à escrita fizessem com que os indivíduos questionassem a sociedade machista e patriarcal na qual viviam e as suas implicações, por isso, muitas escreviam sob pseudônimos masculinos. Esse sistema favoreceu a ascendência cada vez mais firme dos homens na indústria literária, acusados de dominarem inigualavelmente a arte da escrita e todas as demais artes que pudessem existir, como expõe Lamaire (1994, p. 58):

[...] a história literária, da maneira como vem sendo escrita e ensinada até hoje na sociedade ocidental moderna, constitui um fenômeno estranho e anacrônico. Um fenômeno que pode ser comparado com aquele da genealogia nas sociedades patriarcais do passado: primeiro, a sucessão cronológica de guerreiros heróicos; o outro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres “normais”. (LAMAIRE, 1994, p. 58).

³ Expressão utilizada pela autora Maria Rita Kehl (2016, p. 75) para se referir à produção literária feminina em voga na década de 90.

Não obstante, é notório que as mulheres ousaram ser grande escritoras, enfrentando obstáculos que, necessariamente, homens não enfrentavam, já que o mercado editorial, o mercado consumidor e o domínio da escrita, da arte e da educação estavam em suas mãos. Felizmente, esta injusta desigualdade não se tornou motivo para intimidar a literatura feminina, que, aos poucos, foi sendo cada vez mais inserida na sociedade, expandindo-se para outros gêneros textuais além do diário e folhetins. Um grande exemplo é o *conto*, que teve, desde o seu surgimento, a tradição oral, e, posteriormente, a escrita, que a partir do século XIX, devido à expansão da imprensa, permitiu a publicação dos textos de autoria feminina.

Grandes mulheres passaram a produzir a literatura contista no Brasil e no mundo, entre elas Clarice Lispector, que, nesse gênero, destacou-se com uma de suas obras, *Laços de família*, que reúne treze contos, publicada em 1960. Apesar dos contos terem sido escritos em momentos diferentes da sua vida, Lispector apresenta em todos eles uma temática em comum, o papel da mulher na sociedade do século XX. Nota-se, portanto, que os assuntos sociais e o próprio sistema patriarcal permeiam os estudos literários há séculos, provocando questionamentos e reflexões a respeito do tema.

Todas essas indagações do ser e do estar no mundo e de que maneira esse mundo impacta nas diversas existências do ser continuam ganhando força na contemporaneidade e também através do gênero conto. Conceição Evaristo é uma grande referência nesse aspecto, dentre outros, desfigurando um sistema opressor, que violenta não qualquer corpo, mas o corpo preto e feminino, principalmente. Nesse sentido, a obra *Olhos D'água*, publicada em 2014, composta por quinze contos, dá vida e voz às mulheres negras atingidas pela violência urbana.

É notório, dessa forma, vislumbrar a crescente produção de uma literatura de mulheres que dão protagonismo às mulheres em suas mais variadas formas

de existir e as indagações de serem quem são, como o intuito, também, de repensar o cânone literário e de transformar a história da literatura e a memória cultural feminina.

2.1 O CEGO OU O BELO JARDIM BOTÂNICO?

Ana, personagem que compõe o segundo conto do livro *Laços de Família* (2013), de Clarice Lispector, trata-se de uma criação feminina que vivencia e executa muito bem o papel da mulher de sua época, que provê as necessidades do seu marido, dos seus filhos e da sua casa, enquanto mulher. Aparentemente, Ana se sente confortável com a vida que tem, deixando tudo em perfeita ordem, sem que nada fuja do seu controle. Para Ana, “Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera” (LISPECTOR, 2013. p. 12).

O objetivo da personagem, ao longo da narrativa, concentra-se na simples atividade de comprar ingredientes para um jantar em família, no entanto, ao decorrer do percurso que faz pelo bonde até o destino da compra, situações inesperadas interrompem essa função. O primeiro choque acontece quando Ana está divagando no bonde, até que um cego em sua frente, mascarando chiclete, a perturba de tal maneira que os ovos em sua sacola caem e quebram ao perder o equilíbrio. Para Ana, era inconcebível um cego mascarando chiclete, seria muito ironia alguém que não enxerga reproduzir movimentos repetidos, numa sintonia mecânica, conforme a passagem:

Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada [...]. (LISPECTOR, 2013, p. 12).

Para muitos, e até mesmo para os outros passageiros, nada ocorre de tão extraordinário, não passa de uma cena trivial e corriqueira, mas é nesse aspecto que Clarice Lispector constrói o clímax da narrativa, considerado para alguns estudiosos, como Benedito Nunes (1989) e Afonso Romano de Sant'Anna (1973), um momento epifânico da personagem, em que há uma revelação súbita que ilumina a sua vida, um instante existencial capaz de provocar um descortinamento interior, ou uma irrupção dos seus conflitos.

Dessa forma, o cego representa um reflexo da vida de Ana, que, a partir desse momento, percebe como a sua existência, o sentido de ser e estar no mundo não correspondem aos seus verdadeiros anseios, indescritos na narrativa. A vida da personagem na narrativa se limita a movimentos repetitivos, cuidar da casa, dos filhos e do esposo, movimentos que até então eram frutos da sua escolha e desejo, sem que provocasse questionamentos, apenas o prazer da obrigação de ter o controle sobre as pessoas, sobre a sua vida, e sobre tudo que representasse a performance da feminilidade (FRIEDAN, 2020), até que “um cego mascando goma despedaçava tudo isso” (LISPECTOR, 2013. p. 13).

Aflita e perdida, Ana consegue descer do bonde para um destino não programado, o Jardim Botânico. Ela precisava de qualquer espaço para organizar seus pensamentos, e aquele seria providencial: “a vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si” (LISPECTOR, 2013. p.13). No entanto, o ciclo da natureza do jardim, os seres vivos e não vivos que faziam parte deste ciclo acabaram por despertá-la, gerando fascínio e nojo ao mesmo tempo. Possivelmente, Ana pôde vislumbrar uma vida diferente da que tinha, mas o medo, a incerteza e a insegurança faziam com que tivesse nojo também: “[...] O jardim era tão bonito que ela teve medo do inferno” (LISPECTOR, 2013. p.13).

Ainda envolvida no deslumbramento que a natureza lhe provocara, lembrou-se dos filhos, e logo apressou-se para voltar a sua casa, como um filho

pródigo, porque a liberdade lhe custava um preço alto que Ana não estava disposta a pagar. O flerte com a liberdade lhe tomou tanto de si mesma que, ao chegar em sua casa, Ana estranhou o próprio ambiente em que vivia, “que nova terra era essa?” (LISPECTOR, 2013. p. 14). Abraçou seu filho como se por um momento o tivesse perdido para sempre, não quisera abandonar a maternidade, para a qual foi tão bem preparada. Mas quem disse que precisaria?

No contexto em que o conto foi escrito, estavam em voga as discussões sobre o feminino e a maternidade, sendo essas os principais fatores da dominação sexista. O lugar da mulher na reprodução biológica implicava na ausência delas nos espaços públicos, profissionais e de poder, dessa maneira “a recusa da maternidade seria o primeiro caminho para subverter a dominação masculina e possibilitar que as mulheres buscassem uma identidade mais ampla, mais completa e, também, pudessem reconhecer todas suas outras potencialidades” (SCAVONE, 2001, p. 139).

Em detrimento dessa análise é possível que Ana estivesse atormentada com a possibilidade de conhecer outras virtudes que possuía (poderia ser o que quisesse) além da maternidade, e com as possíveis consequências dessa escolha, mas recuou de modo sofrido, “Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer. Disse-lhe” (LISPECTOR, 2013. p. 14), no entanto, “A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego” (LISPECTOR, 2013. p. 15).

Este conflito específico da protagonista sobre “o cego ou o belo Jardim Botânico?” (LISPECTOR, 2013, p. 14), ou seja, o papel subjugado da mulher aos moldes da família tradicional dominada pelo patriarcado ou a liberdade de tornar-se mulher (BEAUVOIR, 2009) não era um tipo de conflito comum entre as mulheres, e talvez ainda não seja, porque Ana se encontra num lugar de violência simbólica do machismo e da misoginia, que não é percebida criticamente por que é naturalizada e estruturada.

Tal estrutura faz com que os anseios subjetivos e individuais da mulher se confundam com o desejo e o falso prazer de cumprir, naturalmente, o que lhe é imposto há século e até de maneira imperceptível, sendo esta violência simbólica representada por Bourdieu como uma “violência suave, insensível, invisível à suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2002, p. 5-6).

É crucial, portanto, entender a abordagem do conto em análise como uma reflexão essencial para se pensar o caráter sexista da sociedade da época, em que a personagem principal é, na verdade, o retrato do sexo feminino, neste contexto, da mulher burguesa da sociedade do século XX e demais séculos que se prevaleceu e prevalece a dominação masculina, delegando funções e lugares pré-determinados ao grupo dominado.

Sob essa perspectiva, não é frustrante que à luz da situação em que se encontra, Ana permaneça nela, porque trata-se de uma ruptura processual e muitas vezes dolorosa; sair do lugar aparentemente confortável e cômodo implica no sentimento de dor, medo e insegurança, fazendo com que Ana recue, porém, com uma experiência marcante e contínua de que jamais poderia ser a mesma Ana de outrora. “O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças” (LISPECTOR, 2013, p. 15).

Contrariamente, não é apenas dessa forma que a dominação patriarcal, misógina, branca, cis e elitista domina o grupo oprimido, existem diversos mecanismos de violência, dentre os quais estão o de escravizar, agredir, excluir e matar. Mecanismos estes que não foram sentidos pela protagonista do conto *Amor*, mas foram dolorosamente vivenciados por Maria, do conto *Maria* de Conceição Evaristo, abordado a seguir.

2.2 QUE COISA! FACA A LASER CORTA ATÉ A VIDA!

Compondo o quarto conto da obra *Olhos D'agua* (2016), Maria é a personagem central da narrativa pungente de Conceição Evaristo, concentrando em si as dores e enfrentamentos diários de uma mulher, negra e empregada doméstica. Para além de uma ficção, o conto representa um cenário social do Brasil, que mesmo após duzentos anos da abolição de 1888, permanece oprimindo e escravizando vidas pretas.

A história começa já com a protagonista exausta por causa do trabalho explorador, com sacolas (pesadas) em mãos aguardando o ônibus, cuja passagem custava um preço alto, mas tivera que pagar porque não daria para ir andando, morava longe. É possível inferir do texto que Maria passou a noite na casa da sua patroa, devido a uma festa, e não foi paga a hora extra, apenas algumas gorjetas e restos do jantar, que serviria para alimentar seus filhos:

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. (EVARISTO, 2016, p. 24).

Infelizmente, essa situação existe ainda hoje no Brasil, o trabalho doméstico acaba sendo uma das principais alternativas para as mulheres pobres, desempregadas e também sem formação acadêmica, sendo esses e outros fatores responsáveis pela má remuneração, pela condição hostil de trabalho e pela exploração doméstica. As famílias (brancas) perpetuam um comportamento

anacrônico julgando serem superiores e, por isso, consideram seus empregados como eternos escravos e serviçais, indignos de qualquer direito humano, sendo essa uma situação contínua no tempo histórico do Brasil:

No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados [...]. (SOUZA, 2013, p. 67).

Contrariamente à realidade de Ana, em *Amor* (LISPECTOR, 2013), Maria é uma mãe solo, seus filhos foram abandonados pelos pais e ela abandonada pelos pais dos seus filhos, o que também representa grande parte das mulheres pretas que precisam dar conta de si e dos seus filhos sozinhas (BERQUÓ, 1998 *apud* SOUZA, 2008, p. 71), não porque não querem, mas, geralmente, porque foram desamparadas pelos seus maridos:

Encontramos, assim, mulheres forras e livres, na sua grande maioria, solitárias, muitas vezes mães solteiras, como eixo central de seus lares e que, por não terem casado, seja por escolha voluntária, seja por dificuldades sociais ou por preterimento do parceiro, não vivenciaram uma condição de acesso social ou de estabilidade amorosa. (SOUZA, 2008, p. 42).

Não bastassem essas humilhações vivenciadas pela protagonista, Maria é vítima de diversas violências fora e dentro do ônibus. É perseguida por um sistema racista, misógino, sexista que legitima a violência física e verbal. Depois de ter tido uma breve conversa inesperada com o pai do seu filho, Maria e todos no ônibus são pegos de surpresa por um assalto a mão armada. Os passageiros, então, imaginam que a mulher negra, cansada, com sacolas pesadas, ansiosa para ver seus filhos e darem a eles o melão e o recado do pai, fazia parte do crime:

Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. (EVARISTO, 2016, p. 25).

Aqui, mais um cenário que configura a realidade social de mulheres negras, taxadas como prostitutas, indigentes, envolvidas com o crime, um mecanismo de violência e ideologia racistas que atravessam a estrutura social de tal maneira que se torna hegemônica, “vistas como naturais, normais e inevitáveis. Nesse contexto, certas qualidades supostamente relacionadas às mulheres negras são usadas para justificar a opressão”. (COLLINS, 2019, p. 35) e uma máxima da comunidade que vivencia cenas de violência constantemente: “olho por olho, dente por dente”. Dessa forma, o lema determina o destino de Maria, que é espancada até a morte.

Convém identificar, portanto, as diferenças que fazem da existência de Maria um contraponto à existência de Ana, que apesar de serem mulheres e vivenciarem a violência de gênero, apresentam arquétipos diferentes. No entanto, não cabe a discussão deste artigo determinar o grau de sofrimentos das personagens, mas a preocupação de pontuar as intersecções que determinam o destino de ambas, para Ana a continuidade da vida por ser quem é e por ter o que tem, e, para Maria, a (s) morte (s) por ser quem é o por ter o que tem. Inclui-se, neste aspecto, o fator racial, que determina ou que pode determinar um destino mais penoso para as mulheres negras em detrimento ao destino das mulheres brancas:

As mulheres não-brancas estão diferentemente situadas nos mundos econômico, social e político. Quando os esforços de

reforma empreendidos em nome das mulheres negligenciam esse fato, as mulheres não-brancas têm menos probabilidade de ter suas necessidades atendidas do que as mulheres que são racialmente privilegiadas. (CRENSHAW, 1993, p.11).

Nota-se, portanto, que em virtude da cor da pele, as mulheres não-brancas são diretamente impactadas pela estrutura social, econômica e política que alimenta o *status quo*, privilegiando uma minoria branca na medida em que subalterniza os demais grupos étnico-raciais. Este mecanismo, ao cercear as liberdades, as oportunidades e os direitos humanos às pessoas negras por serem negras, sobretudo às mulheres, acaba por privilegiar e alavancar a vida de pessoas brancas sem que precisem fazer o mínimo de esforço, exceto, nascer branco(a).

3 ANA E MARIA: DIÁLOGOS E DISTANCIAMENTOS

A literatura existe como uma forma de expurgo e a sua função desafia todo tipo de pensamento que contraria a sua capacidade de retratar a realidade da maneira mais irônica ou satírica à mais crítica, profunda e reveladora. Dessa forma, contrastar as personagens em análise é recorrer aos subterfúgios que a literatura apresenta, nesse sentido, enquanto denúncia social e de um caráter reflexivo e catártico.

Assim fazem Lispector e Evaristo, Ana e Maria, desvelando os questionamentos subjetivos que configuram as suas complexidades existenciais. São personagens que se encontram até um ponto e, daí em diante, se afastam, necessariamente, tornando em evidência os aspectos interseccionais que as distanciam.

Não é evidente que em *Amor*, a protagonista seja uma mulher negra ou branca, mas é possível perceber que faz parte de uma classe média confortável, não passa fome, nem necessidades financeiras absurdas ao ponto de serem

mencionadas. Mas não só isso, Ana possui uma família aparentemente estruturada e tempo de sobra para divagar no bonde e refletir situações importantes sobre sua vida, ninguém a violenta ou a interrompe, a sua única preocupação é tornar a assumir o controle dos seus pensamentos.

Com Maria, no entanto, a situação se modifica, há várias preocupações que tomam o tempo da protagonista, preocupações concretas, factíveis, não há espaço para refletir sobre sua condição enquanto mulher, muito menos enquanto mulher negra e pobre. Existe fortemente a ansiedade e angústia de saber se os filhos irão gostar de melão e a tarefa de levar o recado do pai. Do pai/companheiro ausente, do pai/companheiro marginalizado, do pai/companheiro assaltante.

Um modelo completamente diferente do de Ana, que tem seu marido presente, provedor e possivelmente com um trabalho digno; seus filhos não precisam ficar sozinhos e não precisam se preocupar com o que vão comer ou se vão comer, quando não estão na escola, estão sob seu cuidado. No entanto, essa configuração não implica no bem-estar da protagonista, mesmo com sua casa em perfeita ordem, Ana revela uma desconfortável insatisfação com a vida que tem.

Neste aspecto, assim como em outros, é nítido como a vida de Ana e de Maria se estabelecem em extremidades opostas porque a condição de suas existências é diferente. Maria é oprimida por ser mulher negra, pobre, empregada doméstica, dona de casa, o que representa fatores necessariamente concretos como o peso das sacolas, a demora do ônibus, a fome dos filhos, a ausência de um parceiro, a relação com o assaltante, o que a leva à morte e antes da morte, a degradação da sua imagem: “Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!” (EVARISTO, 2016, p.4 2).

Em contrapartida, Ana não apresenta sentir a opressão de raça e classe, mas inevitavelmente se percebe escrava da dominação sexista e de um sistema patriarcal, que estabelecem obrigatoriamente qual deve ser o seu lugar e a sua função na sociedade. Essa imposição ocorre de maneira tão sutil que Ana aceita

como se fosse a sua vontade e o seu destino, até deparar-se com uma situação que a faz questionar sobre esse julgo e lhe convida a vislumbrar a liberdade que até então não havia experimentado.

As angustias vivenciadas pelas duas personagens são perceptíveis na estética de cada conto, enquanto a primeira apresenta uma narrativa mais lenta e complexa, a segunda apresenta uma narrativa mais objetiva e curta, levando o leitor a sentir a rapidez com que Maria precisa levar a vida, cotidianamente, porque a sua condição não permite outras funções que ela possa exercer, enquanto que para Ana existem sempre momentos ociosos, no qual lhes são permitidos fazer outras coisas, como pensar, refletir, questionar-se.

A faca-laser corta-lhe a vida; o cego mascando chiclete impõe-lhe um conflito. São dois objetos significativamente agressivos à vida de Maria e à vida de Ana, respectivamente, que marcam a narrativa atribuindo-lhe um sentido metafóricamente impactante não só para o leitor, mas para as personagens. Maria é atravessada por vários cortes que dilaceram, sistematicamente, sua existência, que ultrapassa o ferimento da mão atingindo, por fim, seu corpo: “Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado” (EVARISTO, 2016, p. 42).

O destino de Ana, no entanto, tornou-se a se equilibrar, como sempre estivera, restou à personagem apagar a pequena flama do dia e o lar que escolhera permaneceu intacto, embora a sua vida talvez não fosse mais a mesma. A morte de Ana não foi física como a de Maria, na verdade, nada era tão material quanto as agruras de Maria. A morte de Ana está, mais uma vez, no campo subjetivo, está em sua liberdade e foi ela quem escolhera; Maria não tivera opção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos aqui propostos buscaram identificar os eixos que demarcam as aproximações e os distanciamentos entre as duas personagens supracitadas,

atentando-se para as diferentes situações cotidianas que fazem de Ana e Maria duas mulheres que representam muito bem a mulher na sociedade brasileira de forma atemporal, apesar de apresentarem recortes diferentes.

Os dois livros de contos, *Laços de Família* (2013) de Clarice Lispector e *Olhos D'água* (2016) de Conceição Evaristo, possuem propostas de assunto semelhantes porque configuram o cenário social, cultural, racial e ideológico da sociedade do século XX e do século XXI, bem como a sua interferência na manutenção do arquétipo feminino e de que maneira essas intersecções são sentidas pelas personagens. É relevante, também, atentar-se para o fato de que as protagonistas possuem nomes comuns, revelando uma possível intenção de mostrar que o desenvolvimento e epílogo dos contos não estão somente nos livros ou na ficção literária, se fazem presentes e persistentes na vida de muitas mulheres reais.

É possível ratificar este fato pelo número de feminicídios ocorrentes por dia, ou a cada instante. Segundo o Atlas da Violência 2018, do IPEA (Instituto de Pesquisas Aplicadas) notificou-se que a cada duas horas uma mulher é morta no Brasil, totalizando treze por dia. Ana não foi morta, Maria, sim, foi assassinada e, mais uma vez, ambos os contos confirmam os dados científicos em que de acordo com a mesma fonte, IPEA, a taxa de homicídio de mulheres negras é absurdamente maior do que de mulheres não negras, apresentando uma diferença de 71%. Esses dados provocam uma reflexão pertinente sobre as diferenças que demarcam pessoas do mesmo gênero, por isso, dentre outros motivos, Conceição Evaristo analisa e retrata este quadro em sua ficção, admitindo a necessidade de expor a situação das mulheres negras, tendo em vista a relevante função da literatura, sobretudo, da literatura afro-brasileira:

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um 'corpo-mulher-negra em vivência' e que por ser esse 'o meu corpo, e não outro', vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p. 18).

Dessa forma, as experiências narradas nos contos são diferentes porque as autoras estão em lugares sociais também distintos, ao mesmo tempo em que apresentam semelhanças estéticas e textuais do gênero conto e uma temática imprescindível à subversão de um sistema excludente e opressor. É necessário atentar-se para as diferenças das histórias analisadas a fim de “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as)” (GOMES, 2005, p. 43).

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: Raça e Gênero**. Brasília: Unifem, 2004, p. 7-16. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf> . Acesso em: 15 nov. 2020.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Mapeando as margens**: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. 2017. Traduzido por Carol Correia. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A2ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- COLLINS. Patricia Hill. **O pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019, p.35.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 05 nov. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: BRASIL. Ministério da Educação (org.). **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03. Brasília: SECAD, 2005. Disponível em: <https://goo.gl/M2Yc9j>. Acesso em: 10 set. 2016.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2020.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.

NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quíron, 1973

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, v.16, p. 137-150, nov. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a08.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

SOUZA, Claudenir de. **Mulheres negras contam sua história**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/igualdade-racial/livro-mulheres-negras-contam-sua-historia/view>. Acesso em: 08 nov. 2020.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra**: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. *In*: MESSEDER, S.; CASTRO, M.G.; MOUTINHO, L. (org.). **Enlaçando sexualidades**: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 249-270. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>. Acesso em: 22 nov. 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010.

Recebido em: 06/12/2020

Aprovado em: 13/12/2020